

Universidade Estadual do Norte do Paraná

Repositório Institucional UENP

<https://repositorio.uenp.edu.br>

Programa de Pós-Graduação em Educação

Produtos educacionais

2024-04-10

Um podcast sobre as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação no processo de ensino e aprendizagem na Educação Básica: um olhar a luz da Pedagogia Histórico-Crítica

Ferreira, João Marcelo Fernandes

Universidade Estadual do Norte do Paraná

<https://repositorio.uenp.edu.br/handle/123456789/325>

Baixado de Repositório Institucional UENP

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO BÁSICA
LINHA DE PESQUISA: GESTÃO E PLANEJAMENTO**

JOÃO MARCELO FERNANDES FERREIRA

PRODUTO EDUCACIONAL

**UM PODCAST SOBRE AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO
E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM OLHAR A
LUZ DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA**

JACAREZINHO

2024

JOÃO MARCELO FERNANDES FERREIRA

PRODUÇÃO TÉCNICA EDUCACIONAL

**UM PODCAST SOBRE AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM OLHAR A LUZ DA
PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA**

Produção Técnica Educacional apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Estadual do
Norte do Paraná – *Campus* Jacarèzinho,
como requisito parcial à obtenção do título
de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio de
Oliveira

JACAREZINHO – PR

2024

Ficha catalográfica elaborada por Lidia Orlandini Feriato Andrade, CRB 9/1556, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UENP

F383p	<p>Ferreira, João Marcelo Fernandes</p> <p>Um podcast sobre as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação no processo de ensino e aprendizagem na Educação Básica: um olhar a luz da Pedagogia Histórico-Crítica / João Marcelo Fernandes Ferreira; orientador Luiz Antonio de Oliveira - Jacarezinho, 2024.</p> <p>36 p.</p> <p>Produção Técnica Educacional (Mestrado Profissional em PPED) - Universidade Estadual do Norte do Paraná, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.</p> <p>1. Educação Básica. 2. Gestão e planejamento. 3. Tecnologias da Informação e Comunicação. 4. Pedagogia Histórico-Crítica. I. Oliveira, Luiz Antonio de, orient. II. Título. CDD: 371.334</p>
-------	--

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 OBJETIVOS	5
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO PRODUTO EDUCACIONAL	5
4 METODOLOGIA	8
4.1 Análise da implementação do produto educacional	8
5 TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	9
Episódio 1 - introdução ao podcast	9
Episódio 2 - entrevista com o professor Paulino José Orso (UNIOESTE)	9
Episódio 3 - entrevista com o professor Jeferson Anibal Gonzalez (IFSP)	18
Episódio 4 - Entrevista com o professor Fernando Cardoso (SEDUC-SP)	23
Episódio 4.1 - entrevista com o professor Newton Benetti (SEDUC-SP)	27
6 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	31
CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

À luz do estudo aprofundado dos produtos educacionais apresentados, torna-se evidente a necessidade de uma proposta inovadora que supere e avance as atuais abordagens, especialmente dentro do contexto da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC). A seguir, delinheiro os pontos-chave que essa proposta de produto educacional poderia abordar para gerar um impacto significativo na prática pedagógica:

1. Abordagem Multidisciplinar: A proposta de produto educacional deve adotar uma abordagem multidisciplinar, integrando diferentes áreas do conhecimento de forma a promover uma compreensão abrangente da realidade. A PHC, nesse contexto, atua como um fio condutor que permeia todas as disciplinas, conectando a teoria à prática e estimulando uma visão crítica.

2. Enfoque na Democratização do Conhecimento: Uma ênfase especial deve ser dada à democratização do conhecimento por meio do acesso igualitário às TDIC. A proposta deve abordar as disparidades de acesso e garantir que todas as camadas da sociedade possam se beneficiar igualmente das oportunidades educacionais proporcionadas pelas tecnologias.

3. Análise Crítica da Política Educacional: A proposta de produto educacional deve incluir uma análise crítica da política educacional relacionada ao uso das TDIC. Isso implica examinar as motivações por trás da rápida adoção dessas tecnologias, identificar seus impactos nas estruturas de poder e questionar como tais decisões afetam a educação como um todo.

Conclusão: A proposta de produto educacional, ao abraçar esses princípios, aspira ir além das limitações das pesquisas anteriores, fornecendo uma abordagem mais abrangente e crítica. A *práxis* entre a Pedagogia Histórico-Crítica e as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação pode abrir novos horizontes na educação, promovendo não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também a consciência crítica e a capacidade de transformação social dos estudantes. Esta proposta não é apenas uma extensão dos produtos educacionais existentes, mas uma evolução necessária para enfrentar os desafios contemporâneos e construir uma base educacional mais justa e equitativa.

A relevância intrínseca deste Produto Educacional reside na sua capacidade de identificar os desafios enfrentados na utilização das TDIC no processo de ensino e aprendizagem, à luz da revisão da literatura. O *podcast* não apenas proporciona aos ouvintes uma compreensão mais abrangente sobre a incorporação das tecnologias no ambiente escolar, mas também oferece uma base teórica sólida sobre a função social da escola e o papel crucial

do professor nesse contexto, tudo isso ancorado na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica.

Refletir sobre a utilização das TDIC como ferramentas integradas às salas de aula no processo de ensino e aprendizagem requer não apenas o domínio do uso das tecnologias, mas também uma apropriação crítica por parte dos professores e alunos dos conteúdos escolares, com a finalidade de transformar a vida dos estudantes e da sociedade como um todo.

2 OBJETIVOS

O Produto Educacional tem como objetivo principal realizar um *podcast* com professores que atuam tanto no Ensino Básico quanto no Ensino Superior debatendo sobre a utilização das TDIC no processo de ensino e aprendizagem e como a Pedagogia Histórico-Crítica pode auxiliar nesse processo desafiador. Para atingir esse propósito, almeja-se no *podcast* contemplar os aspectos teóricos fundamentados na Pedagogia Histórico-Crítica. A proposta inclui:

- Desenvolver um *podcast* que integra tanto a teoria quanto a prática, abordando as potencialidades das TDIC no contexto educacional. Isso implica em considerar não apenas o domínio técnico, mas também a apropriação crítica dessas tecnologias pelos docentes.
- Proporcionar momentos específicos de discussão e compartilhamento de recursos tecnológicos. Essa iniciativa visa criar um ambiente colaborativo, onde os profissionais da educação possam trocar experiências, estratégias e práticas relacionadas ao uso das TDIC.

Ao integrar esses elementos, o Produto Educacional busca não apenas instrumentalizar os professores no uso das TDIC, mas também promover uma reflexão crítica sobre como essas tecnologias podem ser efetivamente incorporadas no contexto educacional, alinhando-se aos princípios da Pedagogia Histórico-Crítica.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

A tecnologia permeia a vida cotidiana de quase todos na sociedade contemporânea, desempenhando um papel fundamental ao diminuir distâncias, aproximar pessoas e facilitar uma maior interação entre indivíduos. Nos últimos anos, tem-se observado o desenvolvimento de diversos estudos relacionados ao uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) nas instituições escolares, e paralelamente, foram concebidos diversos Produtos Educacionais com foco nesse contexto.

O podcast é uma forma de produção de áudio que se distingue da rádio convencional pela sua acessibilidade e simplicidade na criação de conteúdo. A tecnologia empregada possibilita a publicação de programas de áudio na internet, permitindo que sejam ouvidos online via streaming, ou baixados para o computador ou dispositivos de áudio digital. Dessa forma, o conteúdo não precisa ser visto ao vivo, ele fica hospedado em uma plataforma podendo ser ouvido em qualquer lugar e em qualquer momento.

O podcast pode ser gravado através de vários aparelhos de captação de áudio, tais como: gravadores, celulares, câmeras, tablets e computadores. O podcast oferece uma vasta gama de recursos como a gravação de músicas, produções de falas por meio dos participantes, publicação de diversos materiais de publicidade e, também, como arquivos educativos em universidades, as quais dispõem de aulas neste formato (Freire, 2013).

O formato do podcast oferece facilidades aos ouvintes, permitindo-lhes escolher temas de interesse, pausar e retomar a audição conforme sua conveniência. A maioria dos sites de podcasts disponibiliza fóruns de discussão, onde os usuários podem trocar informações, debater sobre os episódios e sugerir temas para novos episódios com base em suas preferências e nas questões apresentadas nos fóruns e comentários.

Outra oportunidade oferecida pela interação com links no podcast é a navegação entre temas relacionados aos episódios. Enquanto ouvem o podcast, os ouvintes podem explorar o site associado para obter informações adicionais sobre os assuntos abordados nos episódios

De acordo com (Silva, 2019) em relação ao formato, o podcast pode ser exclusivamente como um arquivo em formato de áudio, ou em formato de vídeo, ou ainda como segmentos de vídeo acompanhados de narração. Em relação a duração,

No que diz respeito à extensão, os podcasts podem ser breves, com até 5 minutos de duração; de média extensão, com uma duração entre 6 e 15 minutos; e longos, com mais de 15 minutos. Quanto à autoria, eles podem ser acessíveis online quando criados por terceiros. Também podem ser elaborados pelo professor para seus alunos, ou ainda serem desenvolvidos pelos alunos sob orientação do professor.

Por último, a finalidade emerge como a derradeira característica do podcast. Nesse contexto, são contempladas todas as potencialidades dessa forma de mídia. No campo educacional, pode ser empregada pelo professor para gravar aulas, fornecer instruções, servir como ferramenta avaliativa, apresentar reflexões sobre determinados temas, além de outras diversas utilizações.

Em síntese, o podcast representa uma forma versátil e acessível de produção de áudio, diferenciando-se da rádio convencional pela sua praticidade na criação de conteúdo. Sua tecnologia permite a disseminação de programas na internet, viabilizando o acesso através de streaming ou download. Ao não exigir visualização ao vivo, o conteúdo fica disponível em plataformas, possibilitando sua audição em qualquer lugar e momento.

O referencial teórico adotado para a execução deste Produto Educacional é a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC). A concepção histórico-crítica emerge como uma resposta à teoria crítico-reprodutivista da educação, que não oferecia uma orientação clara sobre como agir para transformar a educação. Segundo Saviani (2021), a concepção histórico-crítica da educação consolidou-se a partir de 1979, buscando compreender a questão educacional a partir dos condicionantes sociais. Nesse contexto, o método marxista orienta a compreensão da realidade, partindo do concreto para o abstrato, da essência para a aparência. Assim, a PHC identifica-se com a necessária superação do senso comum e a apropriação da consciência filosófica, buscando transcender o senso comum.

Por meio do Plano de Ação Educacional, pretende-se apresentar um conjunto de elementos que possibilite a análise das potencialidades do uso pedagógico das TDIC:

se buscarmos, através de determinações históricas, a apreensão do processo concretamente existente de uso pedagógico das TIC, como forma de compreender as efetivas possibilidades que essas tecnologias representam para o enriquecimento do trabalho pedagógico (Ferreira, 2015, p. 97).

A Pedagogia Histórico-Crítica compreende que a educação assume um caráter contraditório na sociedade de classes, pois, conforme apontado por Saviani (2021), a instrução generalizada da população vai de encontro aos interesses da classe dominante, que busca desvalorizar a escola, diminuindo, assim, as demandas por transformações na própria sociedade. Conforme mencionado, a implementação do Produto Educacional tem como propósito, sob a perspectiva da pedagogia histórico-crítica, a apropriação do conhecimento

pelos professores e alunos, visando possibilitar a existência de uma escola verdadeiramente voltada para a humanização de cada indivíduo.

4 METODOLOGIA

A estrutura do podcast foi concebida da seguinte forma:

- **Episódio Piloto** - Introdução ao *podcast*;
- **Episódio 1** - Entrevista com o Professor Paulino José Orso, graduado em filosofia e atualmente, professor associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Tema: Pedagogia Histórico Crítica - Fundamentos e conceitos;
- **Episódio 2** - Entrevista com o Professor Jeferson Anibal Gonzalez, graduado em pedagogia, atualmente leciona no IFSP - Tema: Das máquinas de ensinar ao Neotecnicismo - Um olhar crítico na introdução das Tecnologias da Informação e Comunicação na educação;
- **Episódio 3** - Entrevista com os Professores Newton Benetti, Professor de Filosofia e História, graduado em História e Filosofia, atualmente leciona na Rede Estadual do Estado de São Paulo nos Anos Finais e Ensino Médio e Fernando Cardoso, graduado em Matemática, atualmente leciona na Rede Estadual do Estado de São Paulo nos Anos Finais e Ensino Médio - Tema: Possibilidades e desafios do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação no cotidiano escolar.

As entrevistas foram gravadas e estão disponíveis em formato de vídeo pelo link <https://youtube.com/playlist?list=PLsPULy-aKSO-Z7UM67Vrs8Vc9T8ptNU56&si=-m3RONeOYtLSnxrO>. Os entrevistados discutiram os temas relacionados a Pedagogia Histórico-Crítica, Tecnologias da Informação e Comunicação e Educação. A entrevista foi conduzida pelo pesquisador de modo que proporcionasse momentos de perguntas e respostas bem como de bate papo com o entrevistado.

4.1 Análise da implementação do produto educacional

Um dos diferenciais da entrevista foi ter a possibilidade de receber convidados que atuam nos diversos níveis da educação. Desde pesquisadores até professores que atuam na

rede básica nos ensinos fundamental e médio. Além disso, a formação dos entrevistados também é variada, indo desde graduações na filosofia, passando pela história até a área de exatas.

5 TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Episódio 1 - introdução ao podcast

Olá pessoal, sejam muito bem vindos ao nosso *Podcast*. Eu sou o João Marcelo, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da UENP de Jacarezinho-PR. Esse nosso *Podcast* é fruto da dissertação de Mestrado Profissional em Educação, no qual eu faço um mapeamento sistemáticos das dissertações de mestrados profissionais em Educação e Tecnologias na Educação entre os anos de 2012 e 2022 que discutem o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no processo de ensino e aprendizagem da Educação Básica. Nesse podcast, fizemos algumas entrevistas com professores relacionadas à vivência que os mesmos têm com as tecnologias e quais as possibilidades de inclusão dessas tecnologias sob a ótica da Pedagogia Histórico-Crítica. No primeiro episódio, entrevistamos o professor Paulino José Orso, no segundo episódio entrevistamos o professor Jéferson Gonzalez e no terceiro episódio entrevistamos dois professores que atuam no Ensino Básico, o professor Fernando Cardoso de Matemática e o professor Newton Benetti de filosofia e História. Espero que esse podcast seja muito proveitoso, tanto para quem atua na Educação Básica quanto para pesquisas futuras.

Episódio 2 - entrevista com o professor Paulino José Orso (UNIOESTE)

0:00 – João Marcelo: Olá pessoal, tudo bem com vocês? É um prazer recebê-los em nosso *Podcast*. Nosso primeiro convidado é o professor Paulino José Orso. Professor, é um prazer tê-lo aqui em nosso *Podcast*, tenho certeza que teremos uma boa conversa.

0:14 – Prof. Paulino Orso: Olá, é uma satisfação imensa. Obrigado pelo convite e espero que eu possa contribuir para compreender um pouco mais da Pedagogia-Histórico Crítica.

0:23 – João Marcelo: O professor possui graduação em filosofia pela Faculdade La Salle, Santo Ângelo - RS (1989), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1996), doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2003) e

pós-doutorado em educação pela UERJ. Atualmente é professor associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: história e filosofia da educação; formação de professores; história da universidade brasileira; marxismo e educação; liberalismo e educação; e pedagogia histórico-crítica. Atualmente é docente dos cursos de Pedagogia, do mestrado e doutorado em educação da Unioeste e líder do grupo de pesquisa HISTEDOPR.

1:11 – João Marcelo: Quando falamos de Pedagogia Histórico Crítica, é interessante vermos quais são as bases que fundamentam essa teoria e como ela se diferencia de outras abordagens pedagógicas. O que o senhor pode nos dizer sobre isso?

1:26 – Prof. Paulino Orso: Essa é uma pergunta importantíssima. Ela remete exatamente para a questão de que para pensar na base teórico-metodológica é preciso pensar no contexto em que ela surgiu. A PHC não é uma teoria pedagógica qualquer, não se soma apenas a outras teorias já existentes. A PHC surge num contexto em que demandava uma teoria pedagógica diferente das já existentes. Os primeiros escritos surgiram em 1979. O momento era de uma crise profunda – econômica, política, social, cultural e educacional – enfim, uma crise generalizada no tempo da ditadura. As pedagogias existentes não davam conta de responder aos desafios que estavam colocados, ou melhor, davam conta porque elas davam conta de atender exatamente às necessidades da época, ou seja, de reproduzir, de manter a sociedade, as relações existentes. O contexto, o que estava ocorrendo naquele momento, colocava a necessidade de uma teoria pedagógica que se colocasse na contramão, na contra direção daquilo que era dominante à época. Isso já colocava por si só que essa nova pedagogia, que era ainda um embrião, não poderia partir dos mesmos pressupostos que as demais pedagogias já existentes. Tinha que partir de um outro pressuposto, uma outra base teórico metodológica. O fato de que Saviani, seja a referência que deu o pontapé inicial, depois a PHC se transforma numa construção coletiva e isso vem ocorrendo nos dias de hoje. Tem uma infinidade de professores e estudantes que estão pesquisando e estudando e estão ampliando tanto o seu conhecimento quanto o seu arcabouço teórico metodológico quanto às próprias experiências práticas. A PHC se transformou hoje numa teoria pedagógica coletiva porque ela se coloca como uma alternativa para se pensar uma outra educação que traz junto um projeto de sociedade diferente. Nesse sentido, se as teorias pedagógicas existentes estavam comprometidas com a classe dominante, com a reprodução do capitalismo, isso colocava a necessidade de que se produzisse uma teoria pedagógica que fosse na contramão disso e se elas estavam comprometidas com a classe dominante e com a reprodução da

sociedade, uma nova pedagogia supostamente se exigiria dela que estivesse comprometida com a transformação social e não com a manutenção. Colocava-se uma necessidade específica para essa nova teoria pedagógica, por tanto, uma nova base teórico metodológica. Saviani, quando dá início a essa nova teoria pedagógica, começa no zero. Tínhamos uma série de intelectuais que já davam suas contribuições no qual vai resultar a Pedagogia Histórico-Crítica. Desde o próprio marxismo, Lenin com toda a Pedagogia Soviética, Gramsci, Suchodolski, no próprio Brasil, Paulo Freire, a Teologia da Libertação que deu uma contribuição importante nessa perspectiva de uma teologia voltada para os interesses populares, Libâneo, entre outros. Ou seja, a PHC estava em embrião, faltava alguém para sintetizar essa teoria pedagógica que estava sendo provocada pela realidade. O contexto estava colocando a necessidade de uma nova teoria pedagógica. Não podia ser outra a base teórico metodológica se não a que estivesse comprometida com a perspectiva transformadora. Qual era essa perspectiva transformadora? Não podia ser outra se não o marxismo. O Materialismo Histórico-Dialético é o único método que está comprometido efetivamente com a transformação social. O que Saviani vai fazer é se utilizar do método para pensar a Pedagogia Histórico-Crítica nessa perspectiva transformadora.

8:33 – João Marcelo: O senhor abordou a questão das pedagogias hegemônicas e sua relação com a sociedade, em relação a PHC como ela aborda essa relação entre educação e sociedade? (PHC E A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E SOCIEDADE)

8:53 – Prof. Paulino Orso: A Pedagogia Histórico-Crítica se coloca não por uma vontade de ninguém, mas como algo que a realidade estava se colocando naquele momento. O fato de articular a educação com o Materialismo Histórico-Dialético que estava comprometido com a transformação, isso já colocava a necessidade de que não se descuidasse da sociedade em que a educação ocorre. Não dá para pensar a educação sem pensar a sociedade. Frequentemente se fala que as demais pedagogias, aquelas consideradas hegemônicas – Pedagogia Nova, Tradicional, Tecnicista – e até mesmo as reprodutivistas se descuidaram dos determinantes sociais da educação. Não é que elas se descuidaram, naquele momento, essas teorias pedagógicas davam conta exatamente dos interesses das classes dominantes da época e, portanto, a educação correspondia a esses interesses. Não precisava se preocupar com os determinantes sociais da educação. A educação e a sociedade eram siamesas, estavam intimamente imbricadas. Tinha uma educação para uma sociedade e tinha uma sociedade que colocava uma educação que correspondia aos seus interesses hegemônicos. Não havia a necessidade de se ficar questionando se essas pedagogias contemplam ou não os determinantes sociais. Agora, uma teoria pedagógica diferente, transformadora, essa sim tinha

que se preocupar com os determinantes sociais porque ela não podia admitir simplesmente que se fizesse qualquer educação, de qualquer jeito. Também não poderia pensar que se pudesse fazer uma educação absolutamente diferente com a sociedade em que estamos vivendo, a capitalista. Era necessário que essa nova teoria pedagógica contemplasse e colocasse em questão a sociedade existente. Se a Pedagogia Histórico-Crítica se propõe a transformar, como transformar se não se conhece? Como transformar o que não conhece? A Pedagogia Histórico-Crítica não se trata apenas de uma teoria pedagógica que está voltada para a mera transmissão ou repasse do ensino como, aliás, o Escola Sem Partido queria fazer, limitar o trabalho pedagógico a uma mera transmissão de alguns conhecimentos – nem de todos os conhecimentos estamos tratando. Se Pedagogia Histórico-Crítica está comprometida com a transformação social, necessariamente ela precisa contemplar a sociedade e pela educação possibilitar o acesso aos conhecimentos que permitem compreender a sociedade por que só compreendendo a sociedade é que você pode agir sobre ela e transformá-la. Ninguém transforma o que não conhece e ninguém conhece o que não se transforma. Se a gente não conhece, naturalizamos a sociedade existente e não vamos nos preocupar em transformar. Se conhecemos a sociedade, a forma como ela está organizada, a divisão social, as suas diferenças, todos os problemas com que nós nos deparamos, não coloca outra alternativa, sobretudo para os trabalhadores se não uma educação transformadora. Nesse sentido, cabe a educação, possibilitar o acesso aos melhores conhecimentos no sentido de possibilitar tanto o ensino, a socialização de tudo aquilo que de melhor que já foi produzido pela coletividade histórico, social da humanidade quanto por meio deles possibilitar por meio do acesso à compreensão do mundo para que possamos estabelecer uma práxis transformadora. Então, a relação entre educação e sociedade para a Pedagogia Histórico-Crítica é uma relação que não pode se descuidar, tem que trabalhar as duas em uma unidade. Claro que nessa perspectiva também é importante dizer que o trabalho pedagógico é um tipo de trabalho no interior da sociedade. A sociedade é muito mais ampla do que o trabalho pedagógico. É lógico que as determinações macro, da totalidade social, são maiores sobre a escola do que a escola sobre a sociedade. As determinações sociais são mais determinantes do que as determinações da educação. Mas, pelo trabalho pedagógico, a Pedagogia Histórico-Crítica parte do pressuposto de que diferentemente do que compreendiam as pedagogias reprodutivistas que achavam que a educação era somente determinada, a PHC define que ela também é determinante na medida que por meio da educação a gente possibilita o acesso ao conhecimento, por tanto, o conhecimento do mundo – o conhecimento significa as transformações históricas que produzimos ao longo da nossa trajetória na humanidade – pelo conhecimento da sociedade se

possibilita agir sobre ela, não no sentido de apenas continuar de forma natural, mas fazê-lo de forma intencional, no sentido de provocar uma transformação no sentido daquilo que são os compromissos históricos da classe trabalhadora, uma construção de uma sociedade efetivamente humana para todos.

16:15 – João Marcelo: Nesse sentido, sabemos que um dos objetivos da Pedagogia Histórico-Crítica é a transformação social. Como se daria essa transformação social? De que forma, segundo a PHC ocorreria isso?

16:31 – Prof. Paulino Orso: Alguns falam, na perspectiva daquilo que Paulo Freire coloca, que a transformação sozinha não transforma a sociedade. A educação se transforma, mas não sozinha. Eu penso que precisamos cuidar primeiro com aquilo que falamos. Experimente pensar se a gente pensa de uma forma e age de outra. Não. Somos muito coerentes – a não ser que tenhamos problemas de ordem física ou orgânica. Quando falamos que a educação não transforma a sociedade, ou não transforma sozinha a sociedade colocamos um peso no não. Se colocamos que a educação não transforma pensamos “por que que eu vou me empenhar se ela não transforma?”. Ao invés de me preocupar com o conhecimento, com o diagnóstico, com a realidade no sentido de me apropriar dela para ver como eu vou agir nela, eu de imediato relativizou. Eu penso que o nosso trabalho pedagógico é fundamental, a diferença depende do como nós fazemos, influenciando no como nossos alunos vão pensar e vão agir. Se nós trabalhamos numa perspectiva crítica e transformadora, se através daquilo que fazemos, ajudamos o aluno conhecer e compreender o mundo e ele se reconhecer no mundo, quem ele é, onde está situado, que classe ele pertence, se ele se entender que o trabalho que ele faz é um trabalho explorado e alienado, não resta dúvida de que ele vai ficar braços cruzados, esperando a morte chegar. Faz a diferença o como a gente faz e pensa o trabalho. É claro que eu não vou transformar o mundo sozinho, mas não é isso que está em questão. Se todos pensar nessa perspectiva, olha a diferença que faz. Agora, imagina a diferença que faz se todos falarmos que a educação não transforma a sociedade. Qual é o teu compromisso? Qual é o teu envolvimento? Até onde você luta? Qual é o teu limite? Nessa perspectiva, o professor, pelo trabalho que faz, pode dar uma contribuição importantíssima no sentido de ajudar o aluno a compreender o mundo, para que ele de fato seja o agente transformador, se insira nessa sociedade como uma agente transformador, com todas as complexidades que isso exige. De qualquer forma, faz a diferença na medida em que nós temos esse compromisso e nos colocamos como o desafio de fazer do nosso trabalho, um trabalho que vai ao encontro dos interesses da nossa condição social, da humanização da classe trabalhadora.

21:43 – João Marcelo: Sabemos que na escola, existe uma relação íntima entre professor e estudante. Nesse sentido, como a Pedagogia Histórico-Crítica influencia as práticas de ensino e aprendizagem desses dois atores?

22:00 – Prof. Paulino Orso: As diferentes teorias pedagógicas dão diferentes enfoques. Na educação tradicional, a relação professor-aluno era muito diferente do que ocorre hoje, era uma relação diretiva, de certa forma autoritária. Quando estudei nas séries iniciais e no ensino médio, que se chama de ensino científico – o nome vem de valorização da ciência no sentido positivista – a preocupação era que tivesse o professor que dominava os conteúdos e os conhecimentos e cabia a ele ensinar o aluno que tinha o papel passivo de receptor, aquilo que Paulo Freire fala do aluno e o professor que estabelecem uma relação bancária, em que o professor deposita os conhecimentos na cabeça dos alunos. Na Educação Nova, a coisa muda. O centro passa a ser o aluno. Ao invés de ter uma pedagogia diretiva, temos a defesa de uma pedagogia não diretiva em que o aluno seja o centro, que ele seja o definidor daquilo que lhe interessa. O professor se transforma num mero facilitador, num mero apoio, num mero acessório do ato pedagógico. A Pedagogia Histórico-Crítica pensa muito diferente. Não descarta nem o papel do professor nem o papel do aluno. Não supervaloriza o papel do professor nem supervaloriza o papel do aluno. Entendesse esses papéis como uma relação recíproca, mas não entre iguais, como defende a Pedagogia Nova. A PHC entende que o professor e aluno estão numa relação de ensino e aprendizagem. A relação de ensino e aprendizagem cabe a papéis diferentes, não necessariamente melhores ou piores, superiores e autoritários. Supõe-se que o professor passe por todo um processo de preparação, formação e credenciamento social em que ele se habilite a ensinar. O aluno tem experiência e conhecimento do cotidiano correspondente a etapa de desenvolvimento dele, cabendo ao professor interagir com o aluno, entrar em sintonia com ele para poder possibilitar ajudá-lo a sair do estado em que ele se encontra, superar a visão de mundo que ele tem naquele momento, ajudar que ele consiga sistematizar sua concepção de mundo e possa transitar daquela etapa que ele se encontra para um nível superior. Supõem-se eventualmente que ele chegue ao nível do professor ao mesmo tempo que se supõem também que o professor seja isso. O papel do professor se justifica exatamente por não ser igual o aluno, pois, se ele for igual o aluno não precisa de professor. Na PHC, utilizando uma figura da Psicologia Histórico-Cultural, cabe ao professor partir do desenvolvimento real, ou seja, aquilo que o aluno já sabe fazer por conta própria para atingir aquilo que ele já está com a possibilidade de vir a ser, se transformar, conquistar, mudar, atingir um patamar superior. Cabe a esse processo, fazer com que, pela mediação do trabalho do professor ele ascenda a um nível mais elaborado

científico. Podemos acrescentar um outro elemento que a PHC trabalha que é conhecimento pelos chamados cinco passos da Pedagogia Histórico-Crítica. Com o tempo isso foi mudando de nome e hoje se fala mais em momentos da PHC articulados entre si. Quero chamar atenção para o processo pedagógico, no sentido que ele tem que partir da base real que o aluno e o professor se encontram. Nesses cinco passos, esse primeiro momento se refere a prática social inicial que é a realidade onde ambos vivem, o mundo em que estão situados. Partindo dessa realidade, através do trabalho com o professor, passar pela problematização, a instrumentalização, pela catarse chegar num outro nível, aquilo que se chama prática social final, ou seja, quando o aluno se apropriou depois de todo um processo de trabalho pedagógico, dos conhecimentos e agora ele tem condições de com uma compreensão elaborada e sistematizada de mundo ser capaz de utilizar esses conhecimentos para agir intencionalmente para transformar essa realidade. A relação professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem se dá nessa condição entre iguais e diferentes em que ambos são sujeitos e objetos de aprendizagem, cada um com sua função, seu papel, suas condições diferenciadas.

28:48 - João Marcelo: Importante ressaltar, o professor não é um ser acabado, ele também participa desse processo de aprendizagem. Professor, para caminharmos para o final da entrevista, relacionado às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), analisei em muitas das dissertações que compuseram o corpus de análise da minha pesquisa, muitas trabalham o tema das TIC sem um suporte teórico. Quando vimos a questão de incentivo do uso de recursos tecnológicos e até formações para os professores, percebi que era muito voltado para a parte técnica. Nesse sentido, o senhor vê alguma possibilidade de diálogo entre a PHC e o uso das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem na Educação Básica?

29:37 – Prof. Paulino Orso: Vou sugerir a leitura de uma dissertação que eu orientei que é a da Geanandéia Zanoni de Oliveira e o título da dissertação dela é “O avanço das tecnologias digitais na educação escolar e suas implicações político-pedagógicas”, um trabalho fantástico que ela utiliza para fazer uma reflexão sobre o processo de desenvolvimento do homem, da história e junto com ele dos instrumentos de trabalho e aquilo que hoje nós chamamos das tecnologias e como elas impactam na vida social e na educação. Ela chega até a discussão do início da inteligência artificial. Quando falamos das novas tecnologias, geralmente remetem para o hoje, mas se voltarmos na Revolução Industrial, a máquina a vapor era a nova tecnologia do momento, olha o impacto que ela causou naquele momento no mundo do trabalho, na sociedade e na própria educação que vai desafiar uma mudança nos paradigmas da educação que forçou inclusive a ampliação do acesso à escola para os trabalhadores para poderem trabalhar com as novas tecnologias. Até então, a escola

estava muito restrita à classe dominante. Desde os séculos XVI e XVII, com a Reforma Protestante já surge a demanda dessa ampliação da escola. Quando Lutero faz a Reforma ele defende que cada crente leia e interprete a bíblia na sua própria língua e não fique mais submisso a interpretação do clérigo que só fazia isso no latim. Com isso, ele indiretamente defende a ampliação da escola para que o crente possa aprender a ler. Na medida em que temos outros intelectuais articulados a burguesia com Adam Smith que vai defender a necessidade de os trabalhadores dominarem minimamente as primeiras letras, os códigos da escrita, mas sempre o fizeram com o cuidado de que a escola não escapasse do seu controle, que o ensinamento não voltasse contra a classe dominante, para que os trabalhadores não usassem isso para ter consciência da sua condição e agisse no sentido transformador. A classe dominante sempre teve isso presente, inclusive hoje, haja vista o que está acontecendo no âmbito do Ministério da Educação, depois do Golpe de 2016, sobretudo quando a classe dominante se apropria do Ministério da Educação para doutrinar. Junto com o Escola Sem Partido, com o homeschooling, com a questão dos pastores dentro do ministério dando um enfoque apenas místico e religioso, promovendo um ataque direto a filosofia, a antropologia, a história, a geografia, a sociologia, ou seja, as ciências humanas. O ministério da educação hoje está dominado pela Fundação Lemann, pelo Itaú, pela Fundação Ayrton Senna e outras fundações que estão lá dentro e estão determinando como tem que ser a educação. A questão das tecnologias já está colocada desde a Pedra Lascada, a pedra polida era a tecnologia, o instrumento mais aperfeiçoado na época. Todavia, se fizemos um voo rápido da Pedra Lascada até agora com a inteligência artificial, nós fomos acumulando conhecimentos que permitiram ao homem produzir meios e instrumentos para facilitar a sua própria vida. As tecnologias e o conhecimento científico vieram no sentido de possibilitar a redução do esforço físico do homem, com o próprio uso do cérebro. As tecnologias foram sendo produzidas como uma forma de extensão do trabalho humano e redução do desgaste humano e consequentemente como possibilidade de garantir uma vida melhor para todos. Toda essa tecnologia que existe deveria ser colocada a serviço de todos, não de meia dúzia, pois ela foi produzida coletivamente durante milhares de anos e vem sendo apropriado por uma minoria que controla todas elas e coloca em seu benefício e o que é resultado trabalho coletivo está se transformando em descarte do trabalhador, em maior esforço do trabalhador. Em vez de diminuir os esforços, estamos trabalhando mais. O celular e as mídias digitais, estão fazendo com que trabalhemos mais. Não temos mais tempo para o lazer, não tem mais dia e noite, inverno e verão, ou seja, o tempo inteiro elas estão sendo utilizadas para se submeter ao trabalho. Elas estão sendo utilizadas para ampliar a acumulação de alguns. Aparentemente

elas são colocadas como benéfico coletivo, nós não reduzimos nosso esforço só porque temos um celular ou computador. Tudo isso está sendo apropriado por uma minoria. Entre 2018 e 2023, os cinco mais ricos do mundo ampliaram a sua acumulação em quatorze milhões por hora enquanto acontecia o inverso com os trabalhadores. Como Marx diz, quanto mais o trabalhador produz, mais pobre ele fica. A Pedagogia Histórico-Crítica não é contra as tecnologias, no século XIX, quando surgiram os sindicatos tivemos o início das lutas que passaram a perceber que as máquinas produziam não a satisfação e bem-estar humano, ao contrário, produziam mais pobreza, mais esforço e mais trabalho. Dessa forma os trabalhadores começaram a quebrar as máquinas porque máquinas eram seus inimigos, foi aquilo que se denominou de cartismo. A PHC não é defensora do cartismo moderno, é a favor de que as máquinas sejam utilizadas como ferramentas, como utensílios, como forma de ampliação de possibilidades de extensões humanas para reduzir o nosso trabalho e garantir uma vida plena de qualidade. Nesse sentido é socializar a produção. Isso não vai ocorrer só com a tecnologia se não socializarmos o modo de produção que coloca a tecnologia junto nessa concepção de mundo diferente em que a propriedade não seja nem da tecnologia, nem do conhecimento, nem das mercadorias, elas não sejam apropriadas individualmente, mas que elas sejam socializadas. A tecnologia pode sim garantir a vida plena para nós todos. Hoje, ao invés disso, as tecnologias passaram a desenvolver conhecimento por conta própria. Depois de alimentadas as inteligências artificiais, além de responder passaram a produzir conhecimento. Isso possibilita que elas possam ser autônomas e independentes, podendo dispensar aqueles que as criaram, o homem. A Samsung, está desenvolvendo um planejamento para chegar a 2030 com a extinção completa dos trabalhadores na sua produção e não é a única. Estamos correndo o risco de os criadores serem objetos passivos de suas criaturas, invertendo completamente a razão histórica. Isso acontece porque ao invés de ser socializado coletivamente, os resultados do trabalho são expropriados por alguns e não tem nenhuma preocupação com a humanização e o bem-estar social se não apenas com seus interesses. Estamos num momento muito complexo em que precisamos agir rapidamente. Por isso a importância da Pedagogia Histórico-Crítica no sentido de possibilitar uma educação diferente que ajude a compreender o mundo e não seja mera repetidora e transmissora de conhecimentos ociosos e vazios, que com isso a gente comece a pensar em cavar uma nova sociedade a partir dessa que está aí, do contrário nós teremos sérios problemas pela frente. Temos que utilizar teorias pedagógicas que dão conta dessa complexidade para que juntos possamos pensar em saídas possíveis, assim como quando surgiu a PHC na década de sessenta quando estávamos no meio da ditadura e que precisamos buscar alternativas para

superar aquele momento. Estamos no momento de refundação da história e isso coloca um papel indispensável para a Pedagogia Histórico-Crítica.

Episódio 3 - entrevista com o professor Jeferson Anibal Gonzalez (IFSP)

0:00 – João Marcelo: Olá pessoal, é um prazer tê-los aqui novamente, hoje com uma presença ilustre. Temos o professor Jeferson Anibal Gonzalez, pesquisador da área da educação e que também trabalhou o tema das tecnologias em sua tese de doutorado. Agradeço desde já a presença em nosso podcast e espero que tenhamos uma boa conversa.

0:22 – Prof. Jéferson: Muito obrigado, João Marcelo. Eu agradeço o convite e a oportunidade de diálogo que é importantíssimo.

0:31 – João Marcelo: O professor Jéferson, possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão - USP (2006), especialização em EaD pelo UNISEB (2010), especialização em Design Instrucional pela Universidade Federal de Itajubá - UNIFEI (2012), mestrado em educação pela Faculdade de Educação - UNICAMP (2011) e doutorado em Educação pela Faculdade de Educação - UNICAMP (2022). Tem experiência como professor no ensino superior e na educação básica. Atualmente é Professor EBTT - Educação/ Pedagogia no Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Campus Hortolândia. Como pesquisador e docente, tem experiência na área de Educação, com ênfase em Filosofia e História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Brasileira, Movimentos Sociais e Educação, Política Educacional e Legislação, História da Educação, Historiografia e Educação, Educação Popular e Cultura Popular; Educação e Tecnologia.

1:41 – João Marcelo: Qual o interesse de pesquisar, principalmente em sua tese, o tema das tecnologias na educação?

2:34 – Prof. Jéferson: Trabalhei quase dez anos na Educação Básica (maternal, Educação Infantil em geral e primeiros anos do Ensino Fundamental) e por volta de 2008/2009 estava se começando um movimento muito forte de introdução das tecnologias na educação. Na rede municipal na qual eu trabalhava, foi contratada uma empresa privada, montaram-se os laboratórios de informática nas escolas e nós professores éramos obrigados a uma hora por semana levar os alunos no laboratório de informática e nos nossos tempos de estudos éramos obrigados a fazer os cursos que essa empresa oferecia. Nisso já comecei a ter uma curiosidade de entender esse processo. Naquele momento estava fazendo mestrado e no mestrado eu estudei os movimentos de educação e cultura popular na década de sessenta. Esses movimentos acabam com o golpe de sessenta e quatro e a instalação da ditadura militar.

No lugar, como grande movimento de alfabetização vem o MOBRAL. Dando sequência ao trabalho do mestrado, eu comecei a perceber que aquilo seria uma coisa interessante, pois o MOBRAL é todo pensando dentro de uma lógica tecnicista, ou seja, com centralidade nas técnicas e nas tecnologias daquele período: aulas via rádio, uma centralização no planejamento. Ali, comecei a pensar numa tese para apresentar numa hipótese e num projeto para pesquisa de doutoramento. Foi isso que me despertou e nesse mesmo momento eu comecei a dar aula em uma universidade que tinha um setor EaD e fui dar aula em EaD. Fizemos também uma pós em EaD. Logo em seguida fiz uma pós em Design Instrucional que me abriu muito também porque era uma pós em Educação, mas todos os professores eram engenheiros. Fiquei pensando: vários engenheiros falando sobre educação e de uma forma omnidirecional, pensamento único. Nesse sentido, aguçou minha curiosidade e comecei as minhas pesquisas nesse campo.

5:35 – João Marcelo: Na minha dissertação, analisei sessenta e nove dissertações de mestrados profissionais em Educação e em Tecnologias na Educação. Percebi que, tanto nas análises das pesquisas quanto nos Produtos Educacionais propostos pelos pesquisadores, eles trabalharam a inserção das tecnologias no Ensino Básico, mas com um olhar tecnicistas, isto é, de como usar determinado equipamento ou aplicativo até os próprios cursos de formação ofertados nos Produtos Educacionais eram voltados para o como utilizar determinadas tecnologias. Eu senti falta de uma análise crítica, com embasamento teórico. Qual a importância de termos um embasamento teórico e sólido, de saber por que estou utilizando determinada tecnologia e o que isso influencia no processo de ensino e aprendizagem?

7:05 – Prof. Jéferson: A questão do embasamento teórico é essencial e ela está diretamente relacionada à nossa concepção política. Vivemos em um momento que querem apagar essa base política. Política no sentido de compreensão de mundo, de como enxergamos o mundo, mundo que temos e mundo que queremos. A educação está diretamente relacionada a isso, ela trabalha diretamente com a formação de sujeitos, sujeitos esses que vão construir a sociedade. A questão é que toda ação pedagógica tem um posicionamento político que a embasa. Sempre quando trabalhamos pensamos que mundo nós queremos. Acontece que, quando não temos esse embasamento teórico, somos levados por concepções que não são nossas muitas das vezes, dessa forma não se vai à raiz dos problemas. Quando vemos o trabalho com a tecnologia sendo saudado como uma grande novidade, como algo sempre positivo na educação, temos que procurar saber: positivo para quem? Nesse sentido, precisamos buscar o que determina esse uso. O que faz o uso de uma tecnologia estar centralizado em uma proposta pedagógica? Quais são as concepções teóricas e filosóficas que

embasam essa concepção pedagógica? A técnica e a tecnologia em si não têm um posicionamento político, quem dá esse posicionamento político é o uso que vamos fazer dessas técnicas e tecnologias. Isso é importante para evitarmos tanto o comportamento tecnófilo, ou seja, a tecnologia é boa e não tem o que se discutir, mas para evitar também um tecnófobo, ou seja, não vou usar tecnologia de jeito nenhum porque tecnologia é do mau. Temos que compreender, em cada momento que vou usar tecnologia, o porquê estou usando, qual conteúdo estou trabalhando, quem é o destinatário desse conteúdo para podermos pensar quais técnicas e tecnologias que vamos usar. Isso claro, sem imposição, lembrando que o professor deve ser o responsável por tomar essas decisões e não vir de cima como acontece hoje numa lógica neotecnicista na pedagogia das competências onde se há um planejamento por uma equipe de técnicos e o professor é um mero executor na sala de aula.

10:34 – João Marcelo: O tema da sua tese é “Das máquinas de ensinar aos objetivos virtuais de aprendizagem: tecnicismo e neotecnicismo na educação brasileira”. O senhor trabalha a relação entre técnica, tecnologia e educação, qual a relação entre esses três conceitos?

11:22 – Prof. Jéferson: Eu pego uma ideia de técnica enquanto um conjunto determinado de ações visando determinado fim, nesse sentido a técnica estaria no sentido de como se organiza os processos e a tecnologia numa definição clássica, eu trabalho com a ideia de uma aplicação técnica nos processos produtivos. Vou num caminho de entender a tecnologia hoje no sentido dos artefatos tecnológicos, por isso é das máquinas de ensinar aos objetivos virtuais de aprendizagem. Se pensarmos nas metodologias ativas elas são um conjunto de técnicas, se pensarmos o uso de determinados softwares, teremos a aplicação de uma tecnologia na educação. Durante a tese, nem faço muita essa distinção porque a minha ideia é pegar a raiz desse pensamento: com ele foi se construindo e como ele foi sendo hegemônico. A tese que eu defendo é que a forma como as tecnologias estão sendo utilizadas, elas têm um duplo caráter: um caráter que é objetivo no sentido de aumentar a exploração do trabalho do professor com as tecnologias. Hoje sabemos que o professor trabalha vinte e quatro horas. Também há a questão da mercadoria tecnologia. Nesse sentido, eu trabalho com Marx quando ele diz: Essa questão de que é o consumo que vai determinar a produção, ou seja, o que as pessoas consomem é o que vai ser produzido não é verdade. A própria produção é que vai determinar o consumo, ou seja, eu produzo tecnologia e eu tenho que criar a necessidade do uso dessa tecnologia. Quando vemos uma gama de seminários e autores, muitas vezes patrocinados por empresas de tecnologia, defendendo o uso de qualquer maneira das tecnologias na escola, ou seja, isso está ligado à questão da mercadoria tecnologia. Por

outro lado, tem a questão subjetiva que é um controle da formação dos sujeitos. As tecnologias estão sendo utilizadas muito nesse sentido do controle da formação. Lembrando Skinner na década de cinquenta, sessenta quando ele escreve seu livro Tecnologia Educacional, ele vira um entusiasta das máquinas de ensinar no sentido de ter menos interferência do professor no processo educativo pois tem ali uma programação dessa máquina de ensinar, o aluno vai aprender por ele mesmo, a própria máquina dará o feedback sendo a intervenção do professor mínima, ou seja, se fará um ensino mais objetivo. Para Skinner, o grande problema da educação é que os professores estão mais preocupados em discutir filosofia do que eficácia da educação. Percebe isso no discurso atual. Quando queremos fazer uma discussão mais aprofundada, não se faz. É tudo imediato, tudo que precisa ser útil. Percebemos que há um controle muito grande da formação dos sujeitos. Essa foi a tese que eu trabalhei, esse duplo aspecto das tecnologias na educação.

16:22 – João Marcelo: Percebemos que a cada aluno, os professores estão sendo obrigados a se adequar aos modelos tecnológicos que estão sendo impostas nas escolas. Como nós professores podemos agir nesse contexto de uma demanda excessiva por parte dos governos pelo uso de tecnologia nas aulas?

17:35 – Prof. Jéferson: Temos uma questão complexa no sentido de trabalhar com pessoas. Primeiro, entendo que nada vai mudar somente no campo da educação. Claro, trabalhamos com educação e a sala de aula e a escola são um espaço importantíssimo de luta. Essas determinações, como estão no âmbito de uma política maior, essas lutas têm que se dar nesses âmbitos também. Acho que uma luta sindical é importantíssima, uma luta em participação e conselhos municipais e estaduais também é importante para que se fale essa luta também. No âmbito da escola, existem contradições. Nós temos hoje uma carreira docente onde o professor fica esgotado. Tenho alunos do segundo ano da licenciatura em matemática que dão quarenta horas de aula no Estado e depois vem a noite para fazer a graduação. Esse professor está esgotado. Aí, chegam para eles com aulas prontas e muitas vezes, por esse cansaço – um projeto intencional – ele aceita e não vai fazer a crítica devida. Por outro lado, trabalho em uma pós-graduação destinada a rede de professores estadual e ouço muitos relatos dos enfrentamentos. Primeiro, o professor tem liberdade de cátedra, e tem liberdade de pensamento e liberdade sobre seu planejamento educacional. No entanto, sabemos que isso é difícil de impor, principalmente quando a relação é precária. Falando do estado de São Paulo, temos muitos professores que são contratados (temporários), de modo que a relação com os dirigentes educacionais é mais complicada. Temos que ter ideia de que temos esse direito, temos que falar: meu planejamento sou eu que vou fazer. Ouço relatos de

alunos falando sobre o estado de São Paulo em que chegam os slides prontos e tem que fazer uma sequência, exemplo: são seis slides, o professor tem que entrar no sistema para mostrar que ele está usando o slide e na sétima aula ele tem que ir para o Khan Academy, ou seja, isso é o tecnicismo na raiz. É um planejamento todo feito fora do espaço escolar, imposto aos professores, com controle total sobre o conteúdo, sobre o trabalho didático geral e sobre as formas de avaliação. Temos que primeiro compreender e buscar as possibilidades de crítica e se organizar para fazer essa crítica, porque individualmente vai ser muito difícil alcançarmos algo.

21:26 – João Marcelo: Como a Pedagogia Histórico-Crítica pode possibilitar o entendimento da integração do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação na educação?

22:02 – Prof. Jéferson: É nesse sentido que eu vou encerrar minha tese. A minha tese é que eu vou abrir um caminho para que se aprofunde essa discussão. Qual a minha compreensão? Primeiro, aquela citação do Skinner de que o grande problema da educação são as finalidades educacionais. Para confrontar, para enfrentar o neotecnicismo atual, temos que subverter isso e discutir as finalidades educacionais: para que ensinar, para quem ensinar e o como ensinar. Temos que ter muito evidente, essas finalidades. Pensando em PHC, temos uma finalidade essencial que é a inserção ativa do sujeito na prática social. Dessa forma, vamos organizar toda a educação com esse objetivo geral. Nós temos trabalhado na PHC hoje com a chamada tríade da organização didática: conteúdo, forma e destinatário. O conteúdo, temos muitas discussões na Pedagogia Histórico-Crítica de como definir e o que é um conteúdo porque temos que ver que a educação para a PHC é o trabalho de atualização histórico-cultural dos indivíduos, ou seja, é preciso que eles entrem em contato com tudo aquilo que foi produzido histórico e coletivamente pelo conjunto dos sujeitos. Temos muita discussão também no âmbito da psicologia da educação e a relação da PHC com a Psicologia Histórico-Cultural para se discutir quem é o destinatário da educação, discutindo o aluno real e não o aluno ideal, o aluno concreto e não o aluno empírico. Mas, no âmbito das formas, acabamos tendo menos discussões. Nesse âmbito eu entendo que entra as tecnologias. Quando discutimos tecnologia na educação, temos sempre que pensar nessa tríade, ou seja, vou trabalhar com uma tecnologia, mas qual o conteúdo que vou trabalhar, quem é o destinatário desse conteúdo e qual a forma que vou utilizar. Lógico que isso tudo, submetido ao nosso objetivo, a nossa finalidade que é uma concepção política. Nesse sentido, não há tecnologia que não possa ser utilizada, no entanto, ela deve estar adequada aos seus objetivos educacionais. Muito se discute que se eu trabalhar com resoluções de problemas eu estou

fugindo da Pedagogia Histórico-Crítica porque estou focando nas metodologias ativas. Primeiro, metodologia ativa não é método é um procedimento. Quando se trabalha com resolução de problemas não estamos fugindo da PHC, pode ter momentos em que se trabalhe com resolução de problemas, o que não pode, é pensar um curso todo organizado por resolução de problemas, aí está se entrando no campo do neotecnicismo e das pedagogias das competências, mas usar como uma técnica é outra questão. Por exemplo, tenho uma aula em que eu inverte a sala de aula, acho tranquilo, agora, não posso pensar um curso todo pois existem conteúdos conceituais que a aprendizagem vai se dar por transmissão e assimilação ativa dos alunos. É sempre pensar na forma que eu vou usar, mas relacionado aos conteúdos, destinatários e submetidos a nossa concepção política. Pensando nisso, nós temos um caminho interessante para pensar o uso de tecnologias na educação. Colocando uma outra questão também que eu tenho percebido é que pretendo trabalhar que além das formas, pensar em tecnologia como conteúdo, uma formação tecnológica para nossos alunos para que eles não sejam meros consumidores das tecnologias, mas que possam pensar as tecnologias enquanto uma construção humana. Muitas vezes, a tecnologia nos é apresentada como algo mágico e quando é apresentada dessa forma causa alienação pois não compreendemos a ação humana nesse processo. A tecnologia como conteúdo é importante para que se humanize os processos, no sentido de entender que são criações humanas e que podemos aprender e se envolver, podendo ser utilizadas em favor de uma construção de uma sociedade mais humana.

Episódio 4 - Entrevista com o professor Fernando Cardoso (SEDUC-SP)

0:00 – João Marcelo: Olá pessoal, tudo bem com vocês? É um prazer recebê-los novamente nesse novo episódio do *podcast*, hoje com o professor Fernando Cardoso. Professor é uma honra recebê-lo aqui e já agradeço a disponibilidade em estar presente conosco.

0:19 – Prof. Fernando Cardoso: Obrigado João pela apresentação e para mim também é uma honra participar do seu Produto Educacional. Tenho certeza que irá fortalecer os laços da pesquisa acadêmica de muitos professores.

0:40 – João Marcelo: O professor Fernando possui graduação em Matemática pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo em 2022, destacando-se por sua dedicação e pela conquista de uma sólida formação acadêmica. Atualmente, ele exerce a função de Professor PEB II na disciplina de Matemática, integrando o Programa de Apoio à Educação

Tecnológica (PROATEC) desde o ano de 2022, vinculado à Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

1:12 – João Marcelo: Qual a sua impressão a respeito da introdução das tecnologias na educação, principalmente na Educação Básica? Como o senhor acha que uma formação teórica pode ajudar o professor a lidar com os desafios que essa inserção das tecnologias representa para nós?

1:45 – Prof. Fernando Cardoso: Estou atuando na rede estadual de ensino do estado de São Paulo e vejo a inserção das tecnologias na educação como fundamental já que a sociedade hoje está incluída no mundo da tecnologia. O jovem hoje, não só no ambiente escolar, mas no seu cotidiano, se depara com as tecnologias. Dessa forma, cabe a escola formalizar esse papel, fundamental para ele. Nós professores, seria um fator primordial, para quem não tem tanta experiência na área, principalmente com o uso das tecnologias em sala de aula que possamos nos atualizar, aprimorar sua didática e ensinar o aluno utilizando a tecnologia. É óbvio que, quando fazemos um parâmetro, devemos observar quais as turmas que estamos dando a aula, porque já aconteceu de utilizar tecnologias com turmas minhas e não dar certo. Os professores utilizavam o ensino tradicional para eles aprenderem de modo que eu tive que adaptar para que fosse possível utilizar a tecnologia com eles principalmente na questão dos dispositivos móveis. Com uma certa insistência dos professores, a tecnologia pode ser incluída na sala de aula principalmente usando o celular dos alunos, ainda mais quando falamos de escola pública. Na escola pública temos uma limitação de espaço, é muita gente e pouca tecnologia disponível para todo mundo. Quando vamos utilizar, tem que fazer revezamento de laboratório de informática, fora que ainda não há capacidade de um aluno ter um computador só para ele em sua mesa e temos que utilizar o que temos disponível.

3:38 - João Marcelo: O fato dos alunos hoje em dia, nascem imersos nesse ambiente (celular, internet etc.) não faz com que ele de cara saiba as finalidades desses recursos principalmente na parte educacional. Nesse sentido, a formação dos professores, principalmente na parte teórica, é muito importante, porque usar a tecnologia só por usar não faz com que o aluno aprenda.

4:13 – Prof. Fernando Cardoso: O professor, ao longo da história, principalmente na minha disciplina de matemática, utiliza as tecnologias, principalmente na área de exatas porque teve a revolução das calculadoras gráficas e passamos por tantas revoluções dentro da matemática. Aí vem o aluno e diz: “Ah, porque eu tenho que fazer as contas se o computador já faz isso?” e o professor tem que estar preparado para responder. A maneira como respondemos para o aluno não pode ser fechada. Um exemplo, um dia o aluno perguntou para

mim: “Ah professor, porque eu tenho que fazer equações do primeiro grau se eu posso ver no celular e ele já me dá a resposta?”. Eu tento explicar nesse sentido, o contexto histórico, que é uma maneira de você descobrir incógnitas, em se tratando de equações podemos ter as variáveis de funções; então eu tento contextualizar a importância de aprender fora da tecnologia e após esse uso padrão que fazemos utilizando o livro didático, as demonstrações matemáticas no quadro aí sim podemos inserir as tecnologias de modo que o aluno já esteja preparado com uma base teórica. Eu sinto que seja muito importante o método padrão de ensino, porém podemos inserir a tecnologia no decorrer de nossas aulas. Eu sempre faço essa pontuação: a tecnologia é importante, mas ela não substitui alguns métodos padrão, principalmente quando vamos ensinar algo teórico com eles e na matemática quando fazemos algumas demonstrações.

6:30 – João Marcelo: No ano de 2023, no estado de São Paulo, vimos a inclusão de muitos aplicativos na educação, principalmente na área de matemática. Como o senhor observa essa inclusão, de certa forma até acelerada, sem ter um prepara e uma formação por parte do estado voltada para o professor?

7:01 – Prof. Fernando Cardoso: Na minha opinião essas mudanças foram um pouco exageradas. Exemplo, foi inserida a plataforma Khan Academy. A plataforma é boa, conheço ela há alguns anos, porém a forma como ela foi implementada, nos pegou de surpresa de modo que tem que haver um preparo para instalar isso na rede pois você está tirando o tempo de aula do seu professor para colocá-lo no laboratório de informática. A plataforma Khan Academy quando foi implementada aqui no estado de São Paulo foi implementada repentinamente e isso fez com que os professores concordassem pelos espaços. Por exemplo, na minha escola, atendemos desde o sexto ano do Ensino Fundamental até o terceiro ano do Ensino Médio, desse modo tivemos que concorrer o laboratório de informática com os outros professores, sem contar que os professores de Língua Portuguesa também estavam utilizando outra plataforma que necessitava o uso do laboratório de informática. Tínhamos também a Prova Paulista, que mudava toda a dinâmica da escola, uma vez que era feita de forma online.

8:17 – João Marcelo: É interessante analisar a questão mercadológica quando vemos a adesão dessas plataformas por parte do Estado. Quando vemos que o atual secretário da educação do estado de São Paulo tem participação na gestão de empresas tecnológicas que fazem parcerias com o Estado, percebemos ali um conflito de interesses. Nesse sentido, cabe a análise do que está por trás desses meandros que motivam uma adesão muito rápida, sem uma formação das tecnologias na educação.

9:27 – Prof. Fernando Cardoso: Hoje, temos plataformas como o Geogebra e outras plataformas que não conseguimos fazer demonstração do jeito que queríamos.

9:43 – João Marcelo: Como o senhor analisa o cenário educacional hoje e qual o desafio principalmente na área de exatas, de ter atenção dos alunos e de certa forma utilizando as tecnologias de modo que elas não se virem contra o professor?

10:15 – Prof. Fernando Cardoso: Hoje o professor está com uma concorrência desleal. O celular causa prazer imediato no aluno. Os algoritmos da rede social trabalham com intencionalidade. Sempre vão demonstrar para você aqui que você gosta de ver, se você parar mais tempo em determinado conteúdo, aquele conteúdo irá se repetir mais. Na sala de aula, nem sempre o que temos para ensinar para o aluno é aquilo que ele quer ver naquele momento, dessa forma, estragar o prazer da aprendizagem, ela não é atrativa para o aluno. Vemos isso quando vamos ensinar matemática financeira, o aluno não tem uma vida financeira ativa, ele irá se interessar por finanças daqui alguns anos, quando ele for comprar um carro etc. Eu procuro sempre concluir a tecnologia com o ensino padrão, tento deixar minha aula à altura, mas sendo sincero, o celular vai ganhar quase sempre.

12:25 – João Marcelo: O senhor tem alguma prática com o uso das tecnologias em suas aulas que o senhor pode deixar para gente em relação a introdução das tecnologias na educação?

12:40 – Prof. Fernando Cardoso: Quando as plataformas foram implantadas, no Novo Ensino Médio foi necessário que a gente mudasse um pouco as abordagens das aulas já que tínhamos um cronograma apertado para trabalhar um conteúdo que como eu disse anteriormente, às vezes não era do interesse do aluno e veio a calhar para tentarmos usar as tecnologias para tentar inovar em sala de aula. Eu peguei um itinerário que tinha o nome de metodologia e movimento geostacionário no qual nós não conseguimos fazer demonstrações pois não conseguimos levar os alunos no museu ou localizar um satélite para ele ver os componentes eletrônicos como funciona, qual a órbita da terra, entretanto conseguimos de certa forma demonstrar isso em algumas imagens dinâmicas com os alunos interagindo principalmente utilizando o Nearpod em que subimos os slides para lá e o aluno consegue interagir movimentando os planos e tal. Foi uma dinâmica que usei em sala de aula e que achei que deu certo. Entretanto, esse mesmo itinerário, em um terceiro ano deu super certo, enquanto no outro não deu muito certo, de modo que tive que mudar a aula. Mas de modo geral, a tecnologia foi muito boa, principalmente nas demonstrações. Outro exemplo foi o uso do Geogebra em que o aluno pode ver gráficos e projeções de progressão linear.

14:37 – João Marcelo: Importante destacar como o professor bem disse, a mesma metodologia, na mesma série (dois terceiros anos do Ensino Médio), entretanto resultados diferentes, de modo que devemos adequar as nossas aulas com o contexto dos alunos, isso não só no uso das tecnologias, mas no ensino de modo geral.

Episódio 4.1 - entrevista com o professor Newton Benetti (SEDUC-SP)

0:00 – João Marcelo: Olá pessoal, é um prazer tê-los aqui novamente. Hoje temos um convidado também muito especial: o professor Newton Benetti. Professor, é um prazer tê-lo aqui. Já conheço o professor desde o tempo de aluno, foi meu professor de filosofia no Ensino Médio e tem uma longa caminhada na Educação Básica. Tudo bem com o senhor professor?

0:20 – Prof. Newton: Olá João, tudo bem? Satisfação imensa em estar aqui conversando com você. Muito legal ver você que foi aluno meu no terceiro ano do Ensino Médio e te ver trilhando o caminho do mestrado, fazendo sua caminhada com suas próprias pernas é uma satisfação imensa. Fico muito grato pelo convite e espero poder contribuir com a sua discussão:

0:51 – João Marcelo: O professor Newton possui graduação em História pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho - FAFIJA (2005), graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP, Campus de Jacarezinho, Centro de Ciências Humanas e da Educação - CCHE (2013). É professor efetivo de filosofia no Estado de São Paulo. Atuou como recém formado pelo programa Universidade Sem Fronteiras no projeto Diálogos Sociais Cultura e Democracia nos anos de 2007, 2008 e 2009. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em jornalismo e cinema.

1:51 – João Marcelo: Professor, qual a percepção que você tem em relação a inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação no processo de ensino e aprendizagem, tanto por parte dos professores quanto por parte dos alunos?

2:00 – Prof. Newton: Eu vejo a tecnologia como um processo irreversível. É muito difícil falar que o professor que não faz uso da tecnologia, que continua preso no giz e no quadro negro, esse professor terá muitas dificuldades atualmente para trabalhar dentro de uma sala de aula. Ao mesmo tempo, vejo com uma certa preocupação essa questão. Percebemos muitos dos problemas que acontecem com a tecnologia dentro da sala de aula quando vivemos o período da pandemia de COVID-19. A tecnologia pode ser tanto como um meio de acesso quanto um meio de exclusão. Quando falamos de escola pública, temos que entender que trabalhamos com diversas camadas sociais. Temos camadas que terão mais acesso e

camadas que terão menos acesso às tecnologias. Quando se obriga a utilização de uma determinada tecnologia que não é acessível a todos, exclui-se muitos alunos do processo de ensino e aprendizagem. Então, a tecnologia é uma ferramenta ótima, que deve ser utilizada, mas com uma certa cautela que o professor deve observar e ter muita sensibilidade para perceber qual a realidade social dos alunos.

3:36 – João Marcelo: Observei nos trabalhos analisados na minha dissertação que havia um certo direcionamento para o tecnicismo, ou seja, o como usar determinada tecnologia, aplicativo e programa, isso era evidente até nas proposições de cursos formativos nos produtos educacionais. Nesse sentido, como podemos abordar essa questão da falta de formação teórica quanto ao uso das TIC?

4:35 – Prof. Newton: Isso é uma questão muito complicada. Você precisa ter um certo criticismo para compreender quais processos que estão por trás das propostas político pedagógicas que o Estado coloca como obrigatórias para as escolas e professores seguirem. Percebe-se que de uns tempos para cá, temos um retorno ao tecnicismo. Temos diversos governos como os de São Paulo e do Paraná apostando em um retorno ao tecnicismo e deixando de lado a crítica social. Percebemos durante as eleições que levaram o Bolsonaro ao poder uma crítica muito grande ao criticismo do Paulo Freire por exemplo. Temos aqui no estado de São Paulo, um livro sendo colocado como se fosse a bíblia da nova escola que a Secretária da Educação deseja que seja, que é um livro totalmente tecnicista, ensinado o professor a cronometrar o tempo que ele distribui a prova pois se ele distribui a prova em três minutos e depois consegue distribuir em dois minutos ele economiza um minuto por avaliação e quando chegar no final do ano economizou muitos minutos. É o tecnicismo aplicado à educação sem criticismo. Dentro desse sistema que vivemos, o criticismo pode subverter a ordem, levando as pessoas a questionarem o poder estabelecido. Esse poder estabelecido não quer seres pensantes, ele quer operários. Discute-se muito hoje, dentro da Secretaria da Educação da clientela, como se o aluno não fosse um aluno, ele fosse um cliente e como se a escola fosse uma empresa. Logicamente que essas secretarias da educação que se baseiam nesse método tecnicista não vão querer fornecer essa criticidade, essa formação crítica para os professores e os professores, logicamente, não vão conseguir fazer as críticas sociais que são necessárias para poder transformar a sociedade num lugar melhor.

7:38 – João Marcelo: Vemos uma certa dificuldade de institucionalização da PHC. Como você bem disse, o Estado vê isso como algo subversivo. Sabemos que a PHC surgiu no contexto da Ditadura Militar e se identifica como uma pedagogia contra hegemônica. Se analisarmos que o Estado é hegemônico, percebemos que a função social da escola vai muito

além de apenas passar um conteúdo e sim de humanizar o indivíduo. Nesse sentido, você vê alguma possibilidade do uso das tecnologias ao mesmo tempo mantendo a criticidade em relação a elas?

9:20 – Prof. Newton: Acho que precisamos ter uma formação crítica dentro da universidade. O Estado não vai fornecer isso. Se as universidades não humanizarem os professores vai ser muito difícil depois que esses professores assumirem as aulas adquirirem essa criticidade. Sem essa criticidade acaba acontecendo a reprodução da exclusão. Quando se fala em humanização da relação de ensino e aprendizagem, se não tem o professor com essa criticidade, assim que ele começar a utilizar a tecnologia ele estará a serviço da exclusão e do tecnicismo. Se o professor já tem essa criticidade dentro da formação dele a hora que ele percebe a possibilidade de utilização das tecnologias ele busca utilizá-las de uma maneira humanizante. A tecnologia pode criar técnicas, mas, sem essa humanidade do professor acaba acontecendo justamente o caminho contrário: terá um professor muito mais voltado para alcançar as metas, metas essas que são extremamente excludentes como podemos ver tanto no Paraná quanto em São Paulo. Então, você cria um sistema de avaliação dentro de um aplicativo, você disponibiliza essa avaliação para os alunos, mas você esquece tem alunos ali que não tem nem o que comer, nem o que vestir, com famílias desestruturadas, têm problemas familiares e sociais; esse aluno não vai alcançar o mesmo índice daquele que já tem em sua casa internet, computador, tablet e celular. Eu acho que o professor tem que ter muita sensibilidade, ele precisa ir adquirindo essa sensibilidade. Acredito que essa sensibilização do professor tem que ser adquirida dentro da universidade. A universidade tem um papel essencial nesse processo, porque senão, depois fica muito difícil.

12:27 – João Marcelo: Tanto na formação inicial quanto na formação continuada. Acho que um dos problemas que temos é que depois da formação inicial, muitos professores não voltam a estudar.

12:51 – Prof. Newton: Algo que acho que deveria até ser um tema para pesquisa é: quantos professores continuam lendo depois que eles se formam? Quantos professores que, independente da obrigatoriedade de ler um livro, quantos continuam buscando sua formação? Aí vemos que é um número bem pequeno que continua lendo.

13:17 – João Marcelo: Acho importante a luta coletiva. Quando lutamos de forma individual, é muito difícil lutar contra essa corrente. As forças capitalistas são extremamente mais fortes do que nós individualmente. O professor Jéferson destacou no outro vídeo a questão de que o professor muitas vezes não tem noção do que ele vai ensinar e para quem ele vai ensinar, acabamos padronizando o conteúdo e ignorando as especificidades de cada aluno.

14:35 – Prof. Newton: Paulo Freire trabalha o conceito de hospedar o opressor. Quando você não tem uma educação que forme o indivíduo para uma criticidade, o desejo desse sujeito quando ele tiver a capacidade de agir como agente transformador, ele não vai agir como libertador vai agir justamente como opressor. Sempre vivemos dentro do sistema opressor. A questão da avaliação é um exemplo. Sempre discutimos que temos que buscar novos métodos de avaliação, mas a avaliação sempre acaba caindo naquela questão de hierarquizar o aluno pela nota, do que o aluno observou ali e não do que o aluno vai levar para vida para transformar o mundo melhor. Essa avaliação não cabe dentro desse sistema que as próprias secretarias de educação dentro da lógica tecnicista propõem.

15:47 – João Marcelo: Queria que você destacasse alguma prática com o uso de tecnologias que ao longo do tempo o senhor trabalhou dentro da sala de aula e queria que o senhor falasse como podemos aliar a utilização das tecnologias com a importância de ter um embasamento teórico.

14:35 – Prof. Newton: O Bauman fala da modernidade líquida, de modo que vivemos em tempos líquidos, eles se alteram com uma certa facilidade. Temos que compreender que os alunos de hoje não são mais os alunos de quando nós fomos alunos, todos se transformam. O professor, às vezes precisa descer do pedestal e se colocar no chão com os alunos. Eu acho que o primeiro passo para conseguirmos alcançar os alunos, antes de pensar em qual tecnologia aplicar é ouvir os alunos. A gente às vezes acha que tem muito para falar e acaba esquecendo que temos muito para ouvir também. Se a gente se sensibiliza e acaba escutando os alunos, começamos a atender por exemplo quais redes sociais os alunos usam, quais jogos eles jogam, que tipo de músicas gostam de ouvir, que tipo de série esses alunos gostam de assistir. A partir disso, começamos a nos adaptar à realidade do aluno de modo que a comunicação acaba se tornando mais fácil e conseguimos criar um vínculo com esses alunos. A partir disso, começamos a entender qual tipo de tecnologia podemos utilizar para realmente alcançar esses alunos. Ao longo dessa minha caminhada como professor, eu trabalhei diversas tecnologias a partir desse bate papo com os alunos. Já trabalhei produzindo documentários, a partir dos relatos, da história oral, nós criamos um documentário. Foi um projeto onde nós trabalhávamos justamente a questão da tecnologia, da produção de vídeos para levar o aluno a perceber que ele pode ser um criador de conteúdo. O Youtube estava engatinhando nessa época, hoje em dia seria um meio muito fácil porque os alunos gostam disso aí. Questão de jogos, trabalhei diversos jogos como stronghold que mostra a construção de sociedades com diversos elementos históricos. Por exemplo, para falar da sociedade medieval eu já cheguei a levar esse jogo que mostra a questão da religiosidade, a punição dos criminosos, como surgiu

a questão da perseguição às bruxas. É um jogo em que você constrói uma vila até você chegar ao ponto de alcançar o status de uma cidade para os alunos perceberem a questão do comércio e superação do período medieval. As próprias maquetes mesmo, era um elemento que eu trabalhava muito em sala de aula. É muito complicado quando falamos por exemplo da Revolução Francesa, nós já temos a imagem da Revolução criada na nossa cabeça porque a gente já estudou, já viu filmes, já lemos, já temos uma certa representação, mas esquecemos que aquele aluno que está ali na sala de aula, quando falamos de Revolução Francesa ele não tem imagem nenhuma de modo que precisamos criar nesse aluno uma representação mental para quando falarmos de Revolução Francesa ele lembrar daquela imagem, fica mais fácil para ele compreender. As maquetes podem servir nesse sentido. Eu lembro bem, na época da pandemia, as aulas estavam sendo online, pelo Centro de Mídias, e nós professores acompanhamos as aulas que estavam sendo ministradas pelos professores do Centro de Mídias. Eu estava com uma turma do oitavo ano e o professor do Centro de Mídias estava falando sobre as navegações e as rotas comerciais. O professor fala: os portugueses e os espanhóis vinham com as caravelas vazias para a América e voltavam com as caravelas cheias e lá vendiam os produtos. Para nós professores que já tínhamos uma imagem mental do que é uma caravela a aula estava ótima. Terminando a aula, os alunos vieram e me perguntaram: professor, o que é uma caravela? Aquele professor, estava falando para seus pares. Os alunos não estavam conseguindo captar uma coisa que para a gente parece ser tão básica, mas como não tinha a imagem mental acabava ficando muito difícil de compreender. Temos que ter muito cuidado na hora de utilizar tecnologia, por exemplo, se vamos passar um filme e eu escolho passar *Germinal*, na faculdade tinha gente que não conseguia entender o filme, se eu passo esse filme dentro da escola, embora seja um filme ótimo, temos que entender que os alunos não vou ter uma base para entender aquela representação. Então, os filmes são sim uma tecnologia para usarmos, mas temos que compreender a realidade do aluno também. Qualquer plataforma digital pode servir desde que nós compreendamos essa realidade do aluno.

6 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Todos os professores entrevistados abordaram o tema do uso das tecnologias no ensino e ressaltaram a importância da formação teórica para se trabalhar com as TIC no processo de ensino e aprendizagem. O professor Paulino José Orso destacou a importância da Pedagogia Histórico-Crítica frente aos desmontes neoliberais na educação. Segundo o professor, cabe a

educação possibilitar o acesso aos melhores conhecimentos no sentido de possibilitar tanto o ensino, a socialização de tudo aquilo que de melhor que já foi produzido pela coletividade histórico social da humanidade quanto possibilitar por meio do acesso à compreensão do mundo para que possamos estabelecer uma práxis transformadora. Nesse sentido, faz-se necessária uma teoria crítica como a Pedagogia Histórico-Crítica que dá sustentação teórica para o trabalho do professor.

Em relação ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação, o professor coloca que toda a tecnologia que existe deveria ser colocada a serviço de todos e não somente para poucos. De acordo com Paulino Orso, a PHC não é defensora do cartismo moderno, é a favor de que as máquinas sejam utilizadas como ferramentas, como utensílios, como forma de ampliação de possibilidades de extensões humanas para reduzir o trabalho humano e garantir uma vida plena de qualidade.

Nesse sentido, o professor ressalta que é preciso socializar a produção de modo que isso não ocorra só com a tecnologia. De acordo com o professor, temos que socializar o modo de produção que coloca a tecnologia junto nessa concepção de mundo diferente em que a propriedade não seja nem da tecnologia, nem do conhecimento, nem das mercadorias, elas não sejam apropriadas individualmente, mas que elas sejam socializadas. Dessa forma, o uso das tecnologias na educação perpassa pela a importância da Pedagogia Histórico-Crítica no sentido de possibilitar uma educação diferente que ajude a compreender o mundo e não seja mera repetidora e transmissora de conhecimentos ociosos e vazios.

Entende-se que o uso das tecnologias na educação deve estar alinhado com os princípios da Pedagogia Histórico-Crítica, promovendo uma abordagem educacional que valorize a compreensão crítica do mundo e estimule a transformação social, ao mesmo tempo em que busca a socialização dos benefícios gerados pelo avanço tecnológico. Essa perspectiva aponta para uma educação que não apenas prepara os alunos para o mercado de trabalho, mas que também os capacita a entender e intervir de forma consciente e ativa na sociedade em que vivem.

O professor Jéferson Gonzalez comenta sobre o que determina o uso das tecnologias. Ao utilizar tecnologia na educação, é fundamental questionar quem se beneficia e quais concepções embasam essa escolha. De acordo com o professor, deve-se evitar tanto a idolatria cega à tecnologia quanto o medo irracional dela, considerando sempre o contexto de uso, o conteúdo e o público-alvo. O professor deve ser o protagonista na seleção das técnicas e tecnologias, evitando uma abordagem neotecnicista que o relega a mero executor de planos elaborados por outros.

O professor Jéferson enfatiza a importância das lutas sindicais e da participação em conselhos municipais e estaduais na concepção das propostas educacionais. No ambiente escolar, existem contradições, como a sobrecarga dos professores e a imposição de planos de aula pré-fabricados, muitas vezes aceitos devido ao cansaço e à precariedade das relações de trabalho. Apesar da liberdade de cátedra e de planejamento, essa autonomia é frequentemente cerceada, especialmente em contextos de contratação temporária.

O professor defende a necessidade de organização coletiva para criticar e resistir a essas imposições, pois individualmente é difícil alcançar mudanças significativas. Propõe uma reflexão mais aprofundada sobre as finalidades educacionais como forma de confrontar o neotecnicismo presente na educação atual. Destaca ainda a importância da Pedagogia Histórico-Crítica e da definição clara das finalidades educacionais, especialmente a inserção ativa do sujeito na prática social.

O professor Jéferson ainda aborda a tríade da organização didática - conteúdo, forma e destinatário - ressaltando a necessidade de pensar nas tecnologias educacionais sob essa perspectiva. Argumenta que as tecnologias devem ser adequadas aos objetivos educacionais e submetidas a uma concepção política. Por fim, finaliza defendendo que o uso das tecnologias na educação deve considerar os conteúdos a serem trabalhados, os destinatários desses conteúdos e as formas de utilização, sem perder de vista o objetivo geral da educação. Propõe uma reflexão sobre a tecnologia como conteúdo, promovendo uma formação tecnológica que capacite os alunos a compreenderem e se envolverem na construção das tecnologias, contribuindo para uma sociedade mais humana e consciente do papel humano na criação tecnológica.

O professor Fernando Cardoso destaca a importância da escola em acompanhar o uso de tecnologias pelos jovens, enfatizando o papel dos professores em se atualizarem e adaptarem sua didática para incorporar essas ferramentas no ensino. Destaca a necessidade de adaptação dos professores para integrar essas ferramentas, principalmente nas escolas públicas onde os recursos tecnológicos são limitados e compartilhados entre muitos alunos.

O professor descreve como a implantação de plataformas no Novo Ensino Médio exigiu uma mudança nas abordagens de aula devido ao cronograma apertado e à necessidade de tornar o conteúdo mais interessante para os alunos. Destaca sua experiência específica de utilizar programas como o Nearpod e o Geogebra, para inovar nas aulas e demonstrar conceitos de forma dinâmica, como o movimento geoestacionário e progressão linear. Ele destaca que, embora essas ferramentas tenham sido eficazes em certas situações, houve

necessidade de ajustes para diferentes turmas, mostrando a versatilidade e os desafios do uso da tecnologia na educação.

O professor Newton Benetti que assim como o professor Fernando Cardoso atua no Ensino Básico com alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio vê a tecnologia como algo irreversível. Enfatiza que o uso da tecnologia na sala de aula é essencial nos tempos atuais, mas que também traz preocupações. Destaca a importância dos professores serem sensíveis à realidade social de seus alunos ao incorporar tecnologia em suas práticas pedagógicas, evitando assim a exclusão de estudantes com menos acesso a essas ferramentas.

Newton, evidencia a importância de uma formação crítica dos professores nas universidades para evitar a reprodução da exclusão social na educação. Ressalta que a humanização da relação de ensino e aprendizagem depende da sensibilidade do professor, que deve ser adquirida durante sua formação acadêmica. Essa sensibilidade é crucial para que o professor utilize a tecnologia de maneira humanizante, levando em consideração as diferentes realidades dos alunos e evitando a imposição de metas excludentes.

Por fim, o professor coloca a necessidade dos professores ouvirem os alunos para entenderem suas preferências em termos de redes sociais, jogos, música e séries, a fim de estabelecer um vínculo e adaptar o ensino às suas realidades. O professor menciona algumas experiências com o uso de tecnologia na sala de aula, como a produção de documentários a partir dos relatos dos alunos, o uso de jogos como o Stronghold para ensinar elementos históricos e a criação de maquetes para ajudar os alunos a visualizarem conceitos abstratos.

CONCLUSÃO

Pode-se tirar algumas conclusões das entrevistas dos professores acima. Primeiramente, destaca-se a necessidade de uma formação teórica sólida para os professores se apropriarem das Tecnologias da Informação e Comunicação de forma eficaz no processo de ensino e aprendizagem. A Pedagogia Histórico-Crítica é apresentada como uma abordagem teórica relevante para fundamentar o trabalho dos professores, especialmente diante dos desafios impostos pelo neoliberalismo na educação.

Os professores ressaltam a importância de garantir que o uso das tecnologias na educação esteja alinhado com princípios éticos e políticos que visem à socialização dos benefícios tecnológicos e à promoção de uma educação crítica e transformadora. Nesse sentido, a Pedagogia Histórico-Crítica é defendida como uma perspectiva que busca não

apenas transmitir conhecimentos, mas também formar sujeitos capazes de compreender e intervir no mundo de maneira consciente e ativa.

Destaca-se a importância dos professores questionarem quem se beneficia e quais concepções embasam o uso das tecnologias na educação, evitando tanto a idolatria cega à tecnologia quanto o medo irracional dela. Os professores são instados a serem protagonistas na seleção das técnicas e tecnologias a serem utilizadas, evitando uma abordagem neotecnicista que os relega a meros executores de planos elaborados por outros.

Outro ponto relevante é a necessidade de organização coletiva dos professores para resistir às imposições externas e garantir uma educação que esteja alinhada com seus princípios e finalidades educacionais. As lutas sindicais e a participação em conselhos educacionais são destacadas como formas de promover mudanças significativas no sistema educacional.

Por fim, ressalta-se a importância de os professores ouvirem os alunos para compreenderem suas realidades e adaptarem suas práticas pedagógicas às suas necessidades e interesses. Os professores apresentam algumas experiências de uso de tecnologia na sala de aula, destacando a importância de escolher as ferramentas adequadas e sensibilizar-se para as diferentes realidades dos alunos.

Conclui-se que o podcast oferece uma reflexão sobre o uso das tecnologias na educação na medida em que enfatiza a importância de uma formação teórica sólida, o protagonismo dos professores na seleção das tecnologias, a organização coletiva para resistir às imposições externas e a sensibilidade para as realidades dos alunos. Tudo isso é fundamental para promover uma educação crítica, transformadora e inclusiva.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Benedito Pinheiro. Tecnologias da informação e comunicação na educação: avanço no processo de humanização ou fenômeno de alienação?. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 89-99, 14 jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/12434>. Acesso em: 13 abr. 2023.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar et al. **FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação. 2013.** 338 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 201. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/14448/1/PodcastEduca%c3%a7%c3%a3oBrasileira_Freire_2013.pdf. Acesso em: 23 jan. 2024.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. 12. ed. Campinas - Sp: Autores Associados, 2021. 135 p.

SILVA, Raphael de França e. **Narrativas digitais em podcast**: dinâmica avaliativa na disciplina de história. 2019. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica, Universidade Federal de Pernambuco Centro de Educação, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/33107/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Raphael%20de%20Fran%c3%a7a%20e%20Silva.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2024.